

Uma breve história social do Esporte no Rio de Janeiro.

*Ricardo Pinto dos Santos**

"Votava um carinho especial às shooteiras, às meias e camisas e cuidava mais do material futebol do que dos próprios livros. A vida corria-me risonha, e eu nem sequer pensava na maldade do homens. "

Florian P. Correa (Marechal da Vitória)

*"Um anjo torto/Um canhoto
Um São José de Ribamar
Um bailarino/Um brasileiro
Um paraíba / Um ceará*

...

*Um pé de ouro/Um peladeiro
Mata no peito e beija o sol
Balão de couro/Bola de efeito
Mas que perfeito é o futebol... "*

Trecho da canção CANHOTEIRO (Fagner/Zeca Baleiro/Fausto Nilo/Celso Borges)

Questões de uma virada de século

Para compreendermos a história do esporte no Rio de Janeiro, se faz necessário um estudo amplo sobre os mais diversos aspectos socioculturais existentes em uma sociedade. Ou seja, as transformações ocorridas, ao longo dos anos no esporte, estão diretamente inseridas nos amálgamas sociais ocorridos no período. Neste sentido, aspectos como inserção social, racismo, e identidade regional/nacional compõem a triade básica para entendermos o esporte no Rio de Janeiro, no início do século XX.

O esporte se tornou uma das mais importantes ferramentas de inserção e ascensão social existente dentro de uma sociedade. Foi através da prática desportiva que as mais diversas camadas sociais se comunicaram de maneira aberta e direta¹, e principalmente, é através dela que as possibilidades de ascensão social, ainda que para poucos, se tornou possível e muitas vezes única durante a história social brasileira.

O aspecto estritamente lúdico de alguns esportes do início do século passado, bem como as suas barreiras sociais que excluíam grande parte da população de suas práticas regulares não conseguiram se manter por muito tempo. Isto ocorreu basicamente pelas transformações políticas e sociais – fim da escravidão e a inserção de novos modelos sócio-culturais europeus – ocorridas na passagem do Império para a República. Outro fator determinante para a queda das barreiras sociais foi a incorporação de tais práticas ao cotidiano das camadas mais pobres. Neste caso, fica marcada a posição do futebol. O que sabemos, é que o esporte é hoje um grande painel de raças e classes que se permutam em busca de um grande objetivo comum, a vitória de seu clube, do seu estado, ou de sua nação e que isto foi feito através de um processo lento, doloroso, porém vitorioso.

A proposta deste capítulo será avançar neste grande jogo, mostrando alguns dos dilemas esportivos daquele início de século, sobretudo, aqueles divulgados pela imprensa carioca, principalmente nas matérias oriundas das instituições reguladoras dos desportos, que fundamentalmente determinavam, ou pelo menos tentavam, definir o quadro esportivo carioca. Definiremos também os personagens e clubes centrais na luta pela transformação do esporte brasileiro. Neste sentido, trataremos fundamentalmente do futebol -hoje o principal e mais praticado esporte no mundo moderno - e do remo - esporte de grande importância no início do século XX no Rio de Janeiro.

* Historiador Pesquisador do Laboratório de Estudos do Tempo Presente - TEMPO - UFRJ/IFCS e Coordenador do Instituto Virtual dos Esportes - Núcleo Memória Social dos Esportes FAPERJ/UFRJ

¹ Não foi somente o futebol que serviu para construir o diálogo entre classes sociais, porém, dentro da prática deste esporte as diferenças se tornam menos visíveis ao longo do tempo. Ou seja, todos, independentes de qualquer coisa, faziam parte de um grupo muito bem definido: o torcedor. Outro aspecto relevante é que a distinção social vista, sobretudo, pelo posicionamento nas arquibancadas e a ausência delas no início das práticas desportivas foram se tornando cada vez mais superficiais, e mais do que isso, a classificação como torcedores foram colocando-os num mesmo plano hierárquico, ou seja, eram todos torcedores, malgrado suas especificidades. Ainda mais importante é lembrar que apesar de compartilharem a mesma torcida não anula a possibilidade dos torcedores construírem significados diversos para o esporte.

A luz destas inúmeras transformações, o aspecto de maior relevância e que talvez tenha sido o que mais influenciou na construção desta nova postura esportiva foi o da emergência de negros e operários, de uma maneira destacada, no cenário esportivo carioca. Tal fato se deu em diferentes épocas e nos mais diversos lugares. Temos como exemplo, casos como o do jovem ferroviário Miguel do Carmo, jogador de destaque da Associação Atlética Ponte Preta em 1900, no Bangu Athletic Club tivemos ainda em 1905 a revista *O Malho* publicando uma foto, do seu time principal, com a presença de um negro entre os jogadores brancos, atitude isolada e inédita até então². Tivemos também o famoso caso do pó-de-arroz (Carlos Alberto), jogador negro do Fluminense, clube da grande elite carioca, que utilizava pó-de-arroz para esbranquiçar sua pele durante as partidas de futebol no ano de 1914. Como vimos, não somente nos clubes pequenos, mas também nos grandes representantes do esporte bretão, a presença de negros e operários foi se tornando cada vez mais comum ao longo do tempo.

Para além de um esporte, uma questão social

A história esportiva do início do século XX, deve ser compreendida como um cenário extremamente complexo e dinâmico. Isto porque, estava intimamente relacionada com o processo de modernização da cidade e essencialmente ligada aos valores da sociedade em geral. Porém, não obstante à grande e desejada modernidade, não podemos esquecer que aquela sociedade ainda vivia uma herança forte da nossa tardia abolição. Que definia basicamente a sociedade e, sobretudo as relações pessoais daquele período. O grande estigma escravocrata da superioridade branca ainda era base daquela sociedade, agora livre.

O amálgama era evidente, porém ainda indesejado. Em sua maioria, as entidades desportivas eram diretamente ligadas ao lazer dos grupos jovens da elite carioca. Neste caso, refiro-me, fundamentalmente, ao remo e ao turfe, esportes mais praticados e assistidos naquela passagem de século no Rio de Janeiro, porém, ainda de maneira embrionária, emergia o futebol que, apesar de um esporte ainda praticado em sua maioria por essa mesma elite, seria aquele que possibilitaria em maior grau o acesso a grupos das mais baixas camadas sociais.

Fundamentalmente, os esportes aquáticos eram aqueles de maior sucesso no período, fosse pela presença imponente da grande costa marítima, fosse por se adequar ao processo de modernização da elite fluminense, sobretudo o remo era o esporte da elite jovem carioca. Porém, gradativamente o futebol ia alcançando um lugar de destaque no cenário esportivo, a imprensa passava a destacar, agora com maior frequência, o esporte que mais se aproximava e conquistava a sociedade em geral, com isso a imagem do nosso popular futebol começava a ser construída.

*" O foot-ball está na ordem do dia, multiplicam-se os clubs, aqui, em S. Paulo, no Rio de Janeiro, em Minas, e o ponta pé inglez, traduzido para o brasileiro, tem neste momento as honras do sport atranhindo, dia a dia , novos e entusiasticos projetos e causando entre a mocidade sadia a nobre emulação da destreza e da força."*³

Mesmo que ainda o futebol estivesse sendo praticado sob o formato inglês, a modalidade pouco a pouco iria assumindo algumas características marcantes, e ainda hoje emblemáticas, para o futebol brasileiro. A ginga e a malandragem, doravante tão sublimadas por comentaristas e apaixonados pelo futebol, foram diretamente associadas à emergência do negro dentro do esporte, corroborando a idéia de que tais aptidões seriam genuinamente brasileiras.

Apesar do destaque dado ao futebol, ainda era o remo o esporte de maior adesão de público nestes primeiros anos do século XX, o destaque do remo vinha principalmente por ter sido ele a base da criação de vários clubes cariocas. O futebol, neste caso, surgiria como esporte secundário e somente alguns anos mais tarde passaria a desempenhar o papel principal nos clubes esportivos. Porém, malgrado esta nova configuração do desporto, tanto o futebol, como qualquer outro esporte, que emergisse da elite naquele momento, surgiria e manteria, a principio, toda a sistemática dos outros esportes, ou seja, teria uma relação direta com a idéia de modernidade e, sobretudo, teria uma preocupação fundamental com o lazer dos jovens abastados cariocas.

Para compor o moderno dentro daquela sociedade do Rio de Janeiro, necessitava-se de algumas transformações. O processo de urbanização, que rapidamente tomou forma, era base central destas mudanças. Neste sentido, negros e operários ainda estavam excluídos. O belo ainda era produzido e reproduzido através dos valores europeus, dos quais ainda não se possibilitava a inserção do diferente.

Neste sentido, o papel dos clubes no início de século passado era de extrema importância. Serviu para estabelecer o distanciamento entre as elites e as camadas mais pobres da sociedade, ou seja, aqueles que compunham a diferença. Isso se dava, principalmente, a partir da criação de entidades, ligas ou associações, que visavam representar a sua elite fundadora,

² Revista O Malho, 5 de agosto de 1905. Primeira foto em que um negro pousou junto com brancos em um time principal de futebol.

³ "Sport-Foot-ball", Kosmos, ano 1, n. 8, Agosto de 1904

sobretudo, em seus valores pessoais de distanciamento social, bem como, destacar a superioridade de uma localidade sobre a outra, de um grupo sobre o outro e até mesmo de uma raça sobre a outra.

"... disputar uma victoria que já não é, para elles, da gremio, mas da própria terra. "

` ... e dessa emulação virá, com os loucos dos gremios, o proveito de uma geração mais forte, mais destra e mais sadia. "'

Ademais, foi a partir da criação destas entidades que foram criados parâmetros, principalmente sob forma de estatutos, que dificultassem sobremaneira a possibilidade da entrada dos clubes e camadas mais pobres a este "seleto" grupo de desportistas.

A exemplo destas atitudes, tanto no remo como no futebol, o distanciamento fica claro logo a partir da criação de suas primeiras instituições reguladoras. A criação da União de Regatas Fluminense em 1895, da União de Regatas em 1897 e em 1900, já com outro nome, do Conselho Superior de Regatas, o objetivo se tornou ainda mais claro. Ou seja, o de manter o amadorismo e afastar os pequenos clubes das competições nos mares do Rio de Janeiro. Da mesma forma, aconteceu no futebol, como é o caso da Liga Metropolitana de Football, que dois anos mais tarde, em 18 de fevereiro de 1907, se tornou a Liga Metropolitana de Sports Athleticos, formada pelo Fluminense, Paysandu, Botafogo, Bangu, Associação A. I., Riachuelo e América. Logo em seu primeiro estatuto, aprovado em assembléia na mesma data, a Liga condiciona a entrada dos clubes a um rigoroso esquema de seleção, haja visto que, a burocracia para a filiação era grande e, sobretudo, diretamente ligada a quantias em dinheiro, que de certa forma afastava os pequenos clubes.

Com o futebol, este fato fica ainda mais evidente nos anos vinte, quando no Estatuto da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (A.M.E.A) verificamos que, agora de uma maneira explícita, o processo de discriminação social, pelo qual passavam os pequenos clubes de futebol, se tornava ainda mais contundente. Seguem alguns pontos fundamentais do estatuto, para processo seletivo de clubes e atletas.

"Capitulo III - DA ADMISSÃO DE MEMBROS DA A.M.E.A.

*Art 5º ITEM 10- Indicar de seus atletas o número e o nome por extenso; a residência actual e a anterior; a **profissão que actualmente exercem** e a que exerciam precedentemente; o local em que a praticavam e o em que praticam; e bem assim o nome das pessoas sob cuja direcção a exercitavam e exercitam.*

Capitulo IX - DA INSCRIPÇÃO DOS AMADORES, SUAS FORMALIDADES E REQUISITOS

Art 65 - Não poderão, porém, ser inscriptos:

ITEM 2 - os que tirem os seus meios de subsistência de qualquer profissão braçal, considerando-se como tal a em que predomine o esforço physico;

ITEM 7- os que não saibam ler ou escrever correntemente;

ITEM 9 - os que habitualmente não tenham profissão ou empregos certos; "⁵

Malgrado os estatutos das entidades esportivas não tocarem explicitamente nas questões raciais e sociais, os itens supracitados deixam claro que as barreiras sociais serviriam como ponto de parada para negros e pobres da sociedade carioca. Pois, seriam estes que, efetivamente, ocupariam as funções braçais naquele período. Podemos dizer também que, dentro deste processo criterioso de seleção, não somente os atletas eram selecionados, mas também, o público espectador tinha um grande papel na construção do cenário esportivo e de certa forma era também selecionado. As inúmeras reportagens sobre os esportes tinham, de uma maneira emblemática, suas torcidas representadas quase sempre por um cenário elegante e representativo do que era mais belo e moderno naquela sociedade, e, neste caso, o total destaque era para

⁴ "Sport-Foot-ball", Kosmos, ano 1, n. 8, Agosto de 1904.

⁵ Trecho do Estatuto da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos - A.M.E.A., Rio de Janeiro, 1924.

aqueles que faziam parte da chamada "high-life" da sociedade carioca. Assim, para aqueles que estavam à margem destas condições de beleza e riqueza não haveria espaço em suas arquibancadas.

*"É o ponto predilecto e aclamado para todas as festas elegantes. Dentre estas sobressaem as velhas regatas e o moderníssimo corso, às quartas-feiras, onde as elite da sociedade tem ensejo de se encontrar exhibindo no brilho das equipagens e das toilettes o fausto da sua posição "*⁶

*"...as confortáveis e elegantes archibancadas do 'ground' da rua guanabara encheram-se 'do grand complet' do que há de mais fino na sociedade carioca"*⁷

As representações das imagens nas colunas esportivas eram também expressivas na construção deste cenário esportivo. Tal qual um baile da elite carioca, o público das partidas esportivas era quase sempre representado com imagens do que era mais belo naquela sociedade. Segue abaixo um exemplo significativo destas representações.



Fotografia da arquibancada de um partida de futebol, publicada pela revista A CIGARRA ESPOTIVA, de 09 de Junho de 1907.

Mário Filho em seu clássico, "O Negro no Futebol Brasileiro", representa por várias vezes o futebol da primeira década, no Rio de Janeiro, como uma rigorosa sociedade de castas, onde as barreiras construídas entre a elite e as classes mais baixas seriam quase que intransponíveis. Seguem alguns trechos:

⁶ "Regatas e Corso em Flamengo", O Malho, 26 de setembro de 1907.

⁷ "Sport", Jornal do Brasil, 14 de maio de 1906.

*"...Para alguém entrar no Fluminense tinha de ser, sem sombra de dívida, de boa família. Se não ficava de fora, feito os moleques do Retiro da Guanabara, célebre reduto de malandros e desordeiros."*⁸

*"...Até como torcedor ele conhecia o seu lugar. Na geral, olhando de longe a arquibancada, Cheia de moças, uma corbeille Segunda a comparação de um cronista mundano."*⁹

*"A boa ordem social das casas de família. Cada um no seu lugar, até os parentes pobres. A geral de um lado, a arquibancada do outro, no centro o campo, os jogadores correndo. Correndo mais para quem estava na arquibancada do que para quem estava na geral."*¹⁰

Durante vários anos, a posição proeminente entre os esportes se viu dividida entre basicamente o remo e o futebol, - pouco se falava dos outros esportes - chegando ao ponto em que as duas principais ligas destes esportes resolveram se unir visando obter um bom andamento de seus cronogramas esportivos. A Liga Metropolitana publicou nos jornais que resolveu de comum acordo com a Federação da Sociedade do Remo, não marcar jogos nos mesmos dias em que houvesse regatas¹¹. Definitivamente, as ligas consolidam seu papel regulador dos esportes. No entanto, o caráter excludente ainda era marcante e a posição assumida pelas ligas quanto à distinção entre os clubes associados e àqueles que não estavam filiados ainda é peremptório.

Não obstante o rigoroso controle dos grandes clubes em não compartilharem, através, sobretudo, dos seus estatutos, os campos de futebol com os pequenos clubes futebolísticos, a imprensa repetidamente anunciava o aumento considerável das equipes de *foot-ball*. Já em 1911, tal fato foi diretamente associado a uma idéia de progresso do próprio esporte, obscurecendo, desta forma, o caráter social desta disseminação, ou seja, o que era para ser visto como uma transformação social de uma forma ampla e complexa ficou restrita ao aspecto do clube.

*"...poucos dias temos tido em que se realizem tantos encontros de boas 'equipes' de foot-ball e isto é deveras animador para os que creem como nós na entrada desse gênero de sport em uma phase de acentuado progresso, ora traduzido no grande número de associações dessa espécie que se fundam, ora nos 'matches' disputados com ardor nos nossos 'fields' "*¹²

Malgrado toda a expansão do futebol, pouco ou nada se publicava da participação de negros e pobres no futebol, assim como em outros esportes. A imprensa e os grandes clubes ainda estavam voltados especialmente para a elite carioca, no máximo os grupos menos favorecidos eram lembrados e representados numa posição de simples espectadores das mais diversas modalidades. Como podemos ver abaixo na descrição da reportagem acerca de uma disputa de remo na enseada de Botafogo.

*"Mas as classes menos favorecidas também se divertem e muito, assistindo commodamente as peripécias marítimas, ouvindo a musica e vendo o desfilar dos luxuosos ao longo das avenidas..."*¹³

No futebol, esta ausência também é clara, mais ainda, as distinções são mais visíveis, sobretudo quando verificamos que ao lado das luxuosas, elegantes e seletas arquibancadas, os menos favorecidos costumavam assistir aos jogos em cima dos muros, telhados ou de qualquer maneira que os possibilitassem apreciar aquele esporte ainda tão bretão.

No entanto, não obstante esta situação de completo ostracismo, os pequenos clubes paulatinamente, ainda que de forma muito pontual, iam ganhando espaço e relativa importância neste debate social e, sobretudo, racial do esporte. Talvez o exemplo mais expressivo e pioneiro no começo do século XX seja o do Bangu A.C. que, já em 1905, um ano após a sua

⁸FILHO, Mário, "O negro no futebol brasileiro", 4ª edição, Rio de Janeiro, Mauad, 2003, p. 36.

⁹FILHO, Mário, op. cit. P 41.

¹⁰FILHO, Mário, op. cit. P 41.

¹¹"Sports", Jornal do Brasil, 16 de Setembro de 1911.

¹²"Foot-ball", Jornal do Brasil, 22 de Outubro de 1911.

¹³"Regatas e Corso em Flamengo", O Malho, 26 de setembro de 1907.

fundação, apresentava negros em seu time principal, embora dirigido por ingleses, o clube foi apresentando uma progressiva proletarização dos seus quadros.

Mais importante que a proletarização, talvez tenha sido o fato de que em 1907, o clube desligou-se da Liga Metropolitana, por não poder incluir em seu quadro de atletas o jogador negro Francisco Carregal. A medida foi publicada pelos jornais ("Gazeta de Notícias" e "Correio da Manhã") como uma insatisfação pela atitude tomada pela Liga de proibir o registro de "homens de cor".

Como forma de imposição, o secretário da Liga Metropolitana envia no mesmo ano, aos clubes filiados, um ofício em que deixa claro o caminho desejado pelos dirigentes do futebol carioca. A imprensa, neste caso, publicou o ofício e a seguinte nota sobre o mesmo.

"Sabemos que o Bangu Athletico Club em data de 01 do corrente officiou à Liga Metropolitana dos Sports Athleticos, desligando-se em virtude de não convir ao mesmo glorioso club fazer parte da conceituada liga.

Com igual data, mas em offício entregue ao correio no dia 04 do corrente, como verificamos do timbre do correio, foi expedido pelo SR. J. da Rocha Gomes secretário da liga o seguinte o offício.

Communico-vos que a diretoria da liga, em sessão de hoje, resolveu por unanimidade de votos que não sejam registrados como amador nesta liga as pessoas de côr.

Para os fins convenientes ficou deliberado a todos os clubs filiados ao officiasse nesse sentido, afim de que scientes dessa resolução de accordo com ella possam proceder.

Com alta estima e apreço. "14

No "Correio da Manhã" este ofício vinha seguido do seguinte trecho:

"Sabemos que alguns clubs filiados à liga sentiram-se offendidos com essa resolução e que não tomarão parte do próximo campeonato da Liga "15

É neste sentido, e contra tal medida, que a oposição ao elitismo e ao racismo no futebol começa a se expressar de maneira mais efetiva, ainda que partindo dos pequenos clubes futebolísticos, ela começa a ganhar forma e espaço no mundo do desporto.

No caso do Bangu, este processo se dá de uma maneira muito mais complexa, o clube sai e retorna à liga algumas vezes e por motivos variados. Em 1907, a saída tem por motivo principal o ofício transcrito acima. Dois anos depois o clube retorna à liga, porém saindo novamente no mesmo ano, agora tendo como motivação central uma partida anulada contra o Riachuelo. Após esta última saída, o clube retorna, somente em 1911, à Liga Metropolitana.

Neste momento inicial de disputa de cunho social no futebol, devemos lembrar que o esporte ainda estava sendo regido pelos padrões ingleses, ainda estava em vigor no período os Estatutos da Liga Metropolitana de Sports Athleticos, aprovado em 18 de fevereiro de 1907, onde, definia-se que as regras do "foot-ball Association da Inglaterra serão as unicas adoptadas pela Liga - Os termos inglezes (off-side, foul, goal, penalty, etc.) serão mantidos."¹⁶

Como a regulamentação do esporte ainda era essencialmente a inglesa, desprezava, em grande medida, todas as especificidades do cenário brasileiro, sobretudo aquelas que se referiam a negros e pobres - e estes eram basicamente os grupos excluídos destes quadros pelas elites naquele momento.

O que efetivamente servia como fonte de distinção e seleção para os clubes cariocas, eram as altas taxas e mensalidades cobradas pelas associações e ligas esportivas aos clubes que quisessem se associar às mesmas. Quanto aos seus atletas, o principal foco de distinção percorria a relação com a qual os atletas tinham com o seu clube (se eram legitimamente amadores) e seu trabalho (se possuíam profissões braçais), isto se dava tanto no futebol quanto no remo.

As praticas esportivas do início do século serviam como possíveis formas de distinção social e isto se deve fundamentalmente aos valores a elas atribuídos. Estes valores questionados, de certa forma, por alguns clubes colocavam à prova o início da construção do que seria uma possível gênese da identidade nacional a partir do esporte, pois, podemos

¹⁴ "Gazeta dos Sports", Gazeta de Notícias, 18 de Maio de 1907.

¹⁵ Correio da Manhã, 24 de Maio de 1907.

¹⁶ Trecho dos Estatutos da Liga Metropolitana de Sports Athleticos, Rio de Janeiro, 1907, pp. 13.

verificar que a formação dos clubes cariocas se deu a partir de um grupo muito específico e sobretudo parecido em sua essência, porém de maneira alguma unívoco.

Alguns clubes passavam a questionar, bem como, a assumir posições contrárias aos valores que inicialmente eram as bases centrais do esporte. O que inicialmente era considerado pela elite como uma prática "civilizada", começava a sofrer interferências decisivas e fundamentais para a transformação e, principalmente, para a emergência de novos grupos dentro do esporte.

No início do século XX, a cidade já apresenta uma dinâmica muito grande e é neste momento que a velocidade da vida cotidiana assume um papel fundamental nas relações sociais, e sobretudo, nas interpessoais. O homem não mais ficava à espera do novo, ao contrário, buscava constantemente ir ao encontro dele. É dentro desta perspectiva, a da inovação, que o esporte assume um papel fundamental na constituição de um novo mundo chamado de "moderno".

Através do esporte, alguns espaços urbanos passaram a assumir novos papéis na construção das relações pessoais. Espaços que até então estavam descartados como ponto de relações pessoais passam a ser centrais nesta nova configuração social. É, neste sentido, que o esporte contribuiu para a construção de uma nova geografia nas relações sociais e esportivas.

Foi através do remo, por exemplo, que as praias cariocas passaram a ter uma nova utilidade social, que sobretudo iria para além dos banhos matinais e medicinais. Foi através desta transformação que houve um aumento considerável do seu público frequentador, bem como também, houve uma mudança significativa nas formas de apresentação deste mesmo público nas praias cariocas. De certa forma, o remo, ou melhor, seu público espectador chegou a ditar moda no início do século em suas disputas nas praias da zona sul do Rio de Janeiro.

Por vezes, os jornais noticiavam a beleza com a qual a elite se apresentava nestes eventos esportivos. Com isto as regatas conquistaram definitivamente o seu lugar no espaço urbano, um lugar de disputas esportivas, de beleza e fundamentalmente de novas relações pessoais.

Com o futebol, esta transformação foi ainda mais extensa, ela alcançou não somente outros lugares (de leste a oeste e de norte a sul) como outros corações (intelectuais e trabalhadores), todos numa só torcida.

Para além dos campos da zona sul, as ruas, as várzeas os campinhos da baixada, todos, eram lugares possíveis para a prática do futebol, diferente do remo que estava restrito ao mar da zona sul. Quanto aos novos corações, refiro-me à maneira com a qual este esporte alcançou um maior número de adeptos e apaixonados em um menor espaço de tempo - isto apesar de todas as tentativas da elite em mantê-lo fechado e diferenciados em seu ciclo.

Uma outra significativa transformação se deu quanto à atenção dada aos esportes pela imprensa no Rio de Janeiro (lembrando que não tínhamos ainda uma imprensa especializada e voltada exclusivamente para o tema.) No final do século XIX, a atenção dada ao turfe era quase que unânime, porém, paulatinamente foi dando espaço ao remo, que já no início do novo século tinha quase que total atenção, ou pelo menos o maior destaque, daquela pequena imprensa esportiva carioca.

Da mesma forma, aconteceu na relação entre remo e futebol, sendo que este último conseguiu ainda mais rapidamente assumir grande parte das atenções da imprensa carioca, e mais, conseguiu se firmar em pouco tempo como sendo o principal esporte de todo o país.

Os espaços estavam agora sob uma nova configuração, o Rio de Janeiro de Pereira Passos estava cada vez mais "moderno" e concomitante a esta modernidade emergia uma nova dinâmica nas relações interpessoais. Tanto o remo quanto o futebol tiveram papéis centrais nestas transformações, não obstante suas especificidades.

O esporte, neste caso principalmente o futebol, com a sua enorme e evidente popularização, visto como manifestação social, favoreceu enormemente as trocas entre as mais diversas camadas da sociedade. Apesar dos inúmeros esforços da elite carioca, através dos clubes, ligas e todo o aparato regulador dos esportes, em manter a distância entre as belas e "bem frequentadas" arquibancadas e as ruas, calçadas e morros, não foi possível evitar que o futebol se tornasse uma paixão nacional e, sobretudo, se tornasse um símbolo da miscigenação de um povo. O futebol é branco é preto, é rico é pobre, o futebol é uma das mais significativas marcas do nosso brasileirismo.

As trocas de experiências eram enormes, a elite criava e recriava hábitos para estabelecer as diferenças, porém, da mesma forma, os excluídos interpretavam e reinterpretavam estes hábitos e davam a eles seus próprios valores e significados, ou seja, a troca era mútua e significativa para ambos os lados.

A Cruz de Malta, a diferença entre os iguais

A elite do esporte carioca e seus clubes esportivos tinham essencialmente os mesmos valores, porém entre estes iguais surgia, em 21 de agosto de 1898, um clube que serviria como base fundamental para a construção da diferença no quadro esportivo. O clube de Regatas Vasco da Gama, não obstante ser basicamente formado por estes mesmos valores, lutou efetivamente pela mudança do esporte.

Não diferente da maioria dos clubes cariocas, o Vasco da Gama surgiu também a partir do remo. Porém foi principalmente no futebol, mas não somente nele, que o clube subverteu os valores do esporte. Mesmo que outros clubes como o Bangu e o Andarahy tivessem, de certa forma, também contestado as regras e instituições esportivas do período -

chegando até a desfilarem-se da liga - foi somente através da figura de um grande clube, como foi o Vasco da Gama desde o seu início, que efetivamente se alterou o sentido social das bases esportivas do Rio de Janeiro. Isto, principalmente, quando não só os seus quadro de atletas eram diferenciados, mas também seu corpo administrativo.

Já em 1904, o clube cruzmaltino elege um negro como seu presidente configurando uma audaciosa atitude, bem como um caminho perigoso a ser seguido para aquele início de século por um clube de remo. Sendo primeiro negro a presidir um clube esportivo carioca, Cândido José de Araújo assume e não decepciona. Este pioneirismo colocou o Vasco da Gama como vanguarda do movimento contra o racismo no futebol carioca.

A gestão de Cândido José, para além da parte administrativa, foi importante para a união do clube e seus associados, pois, na sua administração, foi instituído o tradicional "chá das sextas-feiras", medida que colaborou e mostrou preocupação com a questão social do clube, dando a ela uma nova dinâmica.

Até mesmo o prefeito Francisco Pereira Passos, em uma visita ao clube, chegou a participar de uma dessas reuniões¹⁷. Reeleito em 1905, foi com aquele negro na presidência que o clube conseguiu a primeira vitória na corrida pelo bicampeonato de remo da cidade (1905 e 1906). No entanto, devemos lembrar que suas vitórias no esporte marítimo tinham começado alguns anos antes.¹⁸

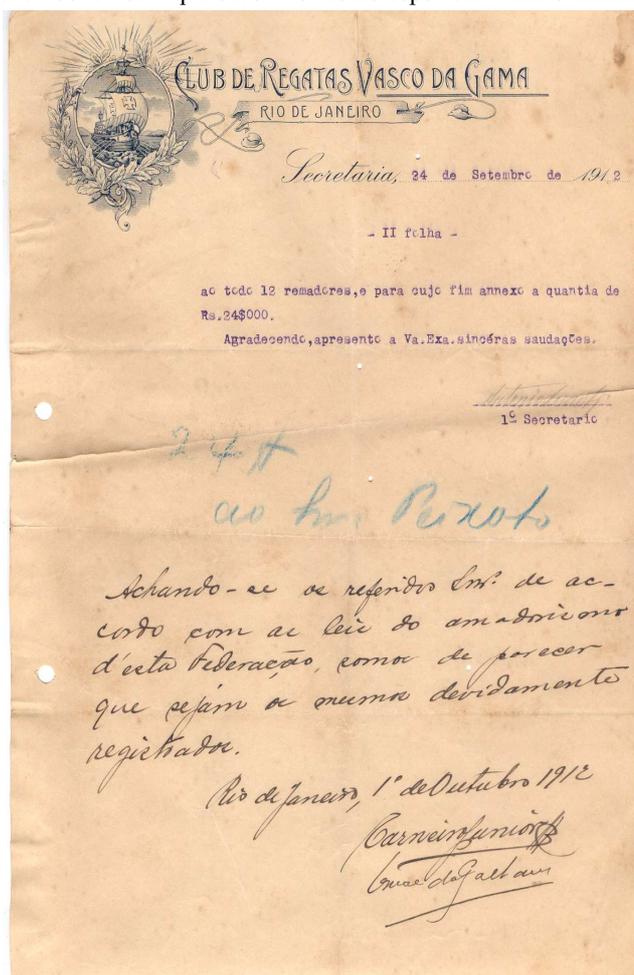
Esta trajetória de vitórias se tornaria aspecto decisivo para o aumento da importância do clube no cenário esportivo. Com o bi-campeonato de remo nos anos de 1905 e 1906, a história do clube se consolida como um grande vitorioso dos mares do Rio de Janeiro. Foi através desta imagem vitoriosa, construída com o remo, que o clube cruz maltino passou a fazer de suas atitudes, fatos importantes para o desporto carioca.

Em 1907, ainda que dividindo as atenções com o futebol, a popularidade do remo ainda é muito grande, os jornais e revistas da época ainda dão muito destaque ao caráter elitista do esporte marítimo e neste sentido a Avenida Beira-Mar ainda é palco dos principais encontros das mais importantes famílias da elite carioca. A revista "O Malho" noticiava o seguinte sobre um destes encontros.

*"É ponto predilecto e aclamado para todas as festas elegantes. D'entre estas sobressaem as velhas regatas e o moderníssimo curso, às quartas-feiras, onde a elite da sociedade tem ensejo de se encontrar exhibindo no brilho das equipagens e das toilettes o fausto da sua posição"*¹⁹

O Remo no Vasco da Gama foi desde o início a base fundamental do clube e mais, foi motivo de grande orgulho para os seus associados, isto está intimamente associado à expressiva história do clube, principalmente pela história de superação das dificuldades financeiras e políticas no início de sua formação, bem como pelas suas inúmeras vitórias.

Porém, um fato de grande relevância na trajetória



¹⁷ A visita ocorreu na quinta-feira, dia 22 de junho de 1905. nesta semana o chá que normalmente era feito às sextas-feiras foi antecipado para o dia da visita.

¹⁸ Sua primeira vitória em regatas oficiais data de 1902 e o troféu conquistado se encontra em exposição em sua sala de troféus na sede de São Januário.

¹⁹ "Regatas e Corso em Flamengo", O Malho, 26 de setembro de 1907.

vascaína foi que, apesar dos inúmeros questionamentos e proibições quanto à presença de trabalhadores e negros nos quadros de atletas, devido à supremacia dentro da elite quanto a idéia do amadorismo e distinção de classes, o clube vascaíno não deixava de registrar em seu quadro de remadores homens empregados no comércio. (segue fotos ²⁰)

O estigma da escravidão e da superioridade social ainda era muito acentuado neste período. A elite apresentava como um de seus pilares de justificativa um discurso extremamente primário. Defendia que aqueles que não fossem adeptos a uma boa educação física estariam fadados a uma posição de inferioridade. Lembrando que a discussão higienista relacionada à prática desportiva estava em grande evidência naquele início de século, tanto nos meios acadêmicos quanto no cotidiano da vida urbana. Um exemplo marcante desta tríade (Estado – Sociedade – Prática Esportiva) é sem dúvida a revolta da vacina de 1904.

Os trabalhadores em questão não tinham tempo para se dedicarem exclusivamente ao esporte, logo, estes não conseguiriam alcançar o tipo ideal dos “*sportmen*”. De certa forma, esta era uma grande ilusão vivida pela elite carioca, haja visto que através do grande desenvolvimento do futebol, as possibilidades de sustentação das barreiras de contenção, aos negros e pobres iam se desfazendo paulatinamente e cada vez mais o quadro esportivo se tornava mais complexo.

Vários eram os clubes, sobretudo os pequenos, que iniciavam seus trabalhos esportivos afirmando que não priorizavam os atributos de cor nem mesmo de nacionalidade na seleção de seus sócios. Isto começava a configurar um novo perfil do esporte carioca, mas, ainda sim, as elites dominantes dos clubes mantinham a sua posição contrária à presença daqueles que fizessem parte dos considerados “diferentes”.

A questão do amadorismo já rodeia as grandes discussões acerca do tema. O jogador Floriano P. Correa, conhecido como o Marechal da Vitória, publica um livro extremamente revelador em 1933, ele retrata, de maneira clara e dura, todas as suas alegrias e angústias, vividos dentro do futebol.

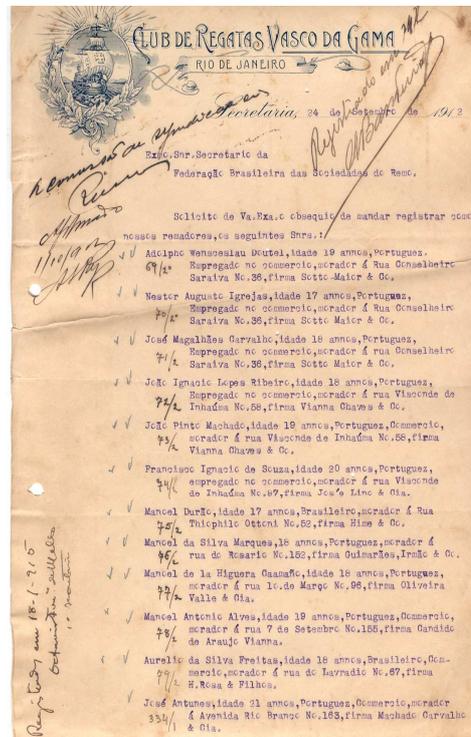
A começar pelo título, “Grandezas e Misérias do Nosso Futebol”, o livro tem enorme repercussão, sobretudo pelo seu conteúdo consistente e direto. Quanto ao amadorismo, ele é implacável em suas palavras, a saber:

“com o desenvolvimento do soccer no país, aumentou, naturalmente, o desenvolvimento do profissionalismo oculto. E o profissionalismo que devia ter sido legalizado nessa ocasião, passou a desfrutar uma proteção escandalosa de nossas entidades, clubes e paredros, unidos num deslavado semvergonhismo que depunha contra o seu caráter e a sua conduta, hipocrisia essa impotente para encobrir os escandalos que vieram depois.”²¹

“E o ‘amadorismo’ foi-se desmascarando. Em 1915 já não era escandalo a gratificação aos jogadores feita às claras em qualquer clube de São Paulo ou do Rio, de Pernambuco ou do Rio Grande do Sul.”²²

O Marechal da Vitória que muito se dedicou ao esporte, encontrava-se numa situação de completa decepção com esporte nacional. Uma postura gerada principalmente pela ganância da elite dirigente dos quadros futebolísticos. Em seu livro, descreve não só suas angústias, mas também, de alguns de seus companheiros que também viveram tão lastimável situação. A exemplo, segue a transcrição de uma reportagem publicada no livro.

Amilcar Barbuy:



²⁰ Documentação original da Solicitação do clube vascaíno, do dia 24 de setembro de 1912, de que fosse efetuado o registro de 12 remadores no seu quadro de atletas. Todos empregados no comércio. Esta documentação foi cedida pelo presidente do clube, Dr. Eurico Miranda, e atualmente se encontra no Centro de Memória Vasco da Gama.

²¹ CORREA, Floriano P. “GRANDEZAS E MISERIAS DO NOSSO FUTEBOL”, Rio de Janeiro, Flores & Mano, 1933, p.21.

²² CORREA, Floriano P., op. cit. P.24.

'Vou para à Itália. Cansei de ser amador no futebol onde essa condição há muito deixou de existir, maculada pelo regime hipocrita da gorjeta que os clubes dão aos seus jogadores, reservando-se para si o grosso das rendas.

*Durante 20 anos prestei desinteressadamente ao futebol nacional os meus modestos serviços. Que aconteceu? Os clubes enriqueceram e eu não tenho nada. Sou pobre. Sou um pária do futebol. Não tenho nada. Vou para o país onde sabem remunerar a capacidade do jogador.'*²³

Os grandes clubes cariocas, desde o início, tiveram privilégios dentro dos quadros das disputas esportivas no Rio de Janeiro, pois, eram deles, dos clubes da elite, que saíam os dirigentes das ligas e instituições reguladoras do esporte carioca. Na década de 20, isto é formalizado ou pelo menos divulgado pelos jornais cariocas. O "Correio da Manhã", do dia 8 de abril de 1924²⁴, divulga que as escolhas dos clubes, saída e horários das partidas ficariam com os grandes *clubs*, bem como, os dias de domingo, dias de maior lucro para os clubes, ficariam também à disposição deles.

Todas estas decisões tinham sido tomadas dois dias antes, dia 06 de abril de 1924, em uma reunião da AMEA na sede do Fluminense, onde foram tratadas da "fixação de series, filiações e conclusões dos códigos de atletismo, football, volle-ball, basket-ball e tennis".²⁵

Abril de 1924 foi um mês de grande relevância no processo de construção de um "novo" futebol. Foi no decorrer dele que inúmeras situações ocorreram no futebol do Rio de Janeiro. Talvez a de maior repercussão tenha sido o ofício enviado no dia 07, do referido mês, pelo Dr. José Augusto Prestes, presidente do Clube de Regatas Vasco da Gama, ao Senhor Arnaldo Guinle, Presidente da AMEA. O documento tinha por finalidade a saída do clube da Associação Metropolitana por questões eminentemente sociais. O ofício tinha o seguinte teor:

"Rio de Janeiro, 07 de Abril de 1924.

Ofício nº 261

Exmo. Sr. Dr. Arnaldo Guinle

M.D. Presidente da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos.

As resoluções divulgadas hoje pela imprensa, tomadas em reunião de hontem pelos altos poderes da associação a que I. então dignamente preside, colocam o Clube de Regatas Vasco da Gama, numa tal situação de inferioridade que absolutamente não pode ser justificada nem pela deficiência do nosso campo, nem pela simplicidade da nossa sede nem pela condição modesta de grande número dos nossos associados.

Quanto à condição de eliminarmos doze(12) dos nossos jogadores das nossas equipes, resolve por unanimidade a diretoria do Clube de Regatas Vasco da Gama, não a dever aceitar, por não se conformar com o protesto porque foi feita a investigação das posições sociais desses nossos consócios, investigações levadas a um tribunal onde não tiveram representação nem defesa.

Estamos certos que V. Ex. será a primeira a reconhecer que seria acto pouco digno da nossa parte sacrificar ao desejo de filiar-se a AM.E.A alguns dos que lutaram para que tivéssemos entre outras vitórias a do campeonato de football da cidade do Rio de Janeiro de 1923.

Dr. José Augusto Prestes – Presidente ²⁶

Este talvez tenha sido o mais significativo e explícito golpe dado por um clube a uma entidade oficial esportiva em defesa de jogadores negros e pobres até aquele período. Divulgado por grande parte da imprensa, a posição do clube cruz maltino se consolidava como um clube de todos e para todos.

²³ CORREA, Floriano P., op. cit. P.127.

²⁴ "Football - O Momento", Correio da Manhã, 08 de abril de 1924.

²⁵ "Correio Esportivo", Correio da Manhã, 06 de abril de 1924.

²⁶ Esta carta encontra-se emoldurada na sala de troféus do Vasco da Gama, em São Januário, sendo considerada pelos vascaínos como sendo o seu principal troféu.

A Gazeta de Notícia publicou no dia 09 de abril de 1924 a seguinte nota sobre o ocorrido:

“A Scisão Carioca

O C.R. Vasco da Gama abandona a AMEA, o Andarahy e o S. Christovão vão tratar do assumpto.

‘O Clube vascaíno, hontem, foi de maior coragem , pois assim que teve conhecimento official das resoluções da AMEA convocou os seus diretores para uma reunião secreta a qual foi effectuada ante-hontem.

O Dr. José Augusto Prestes, presidente do club, fez uma exposição clara do se desenrolava na AMEA, citando que a exclusão de 12 de seus jogadores dos jogos entre clubs não fundadores aos sábados e outros factos destruíram totalmente os fins de moralidade e igualdade annunciados...’²⁷

Apesar do caráter velado da discriminação daquele período, sobretudo quando nos referimos a regulamentos e estatutos, o esporte sofria grandes perdas assumindo tal posição. Não obstante não ter sido suficiente para conter o avanço destes personagens no grande baile do futebol.

A maioria dos clubes cariocas ou não tomaram posicionamento imediato ou fizeram questão de desmentir qualquer relação com o fato. O mesmo jornal publica sobre um outro clube carioca, o Botafogo, que era mentiroso o boato de sua desfiliação da AMEA por motivo de quaisquer ordens.

O aspecto social no Vasco da Gama era efetivamente um dos pilares centrais do clube, porém, desta forma seus ideais confrontavam-se diretamente com o interesse e sobretudo com os ideais da elite dirigente do esporte carioca. Isto se torna inteligível quando lemos a resposta dada pelo presidente da AMEA ao ofício enviado pelo clube sobre sua decisão de desfiliar-se:

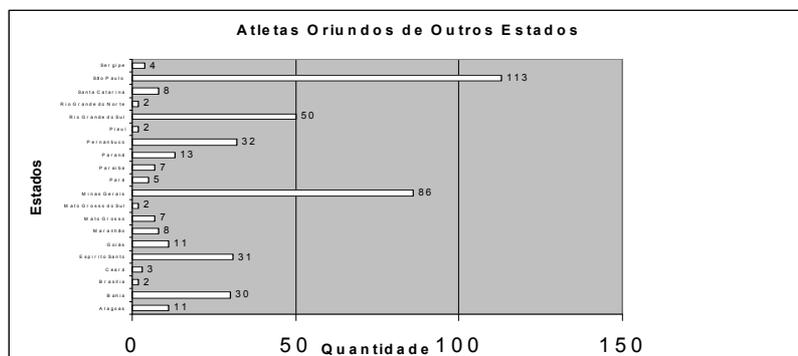
“Officio de 17 de Abril

Finalmente, dissemos a V. Ex. que embora estivessemos promptos a attender aos reclamos do vosso club a este respeito alimentava-mos a esperança de que para o futuro, elle fizesse todos os esforços para constituir equipes genuinamente portuguezas, para uma demonstração sportiva das verdadeiras qualidades dessa nobre raça secular.

Arnaldo Guinle

Presidente da Comissão Organizadora”²⁸

Após uma pesquisa detalhada de todas as fichas de atletas de futebol ainda existentes no clube vascaíno, um número superior a mil fichas, todas publicadas no livro “Memória Social dos Esportes São Januário –Arquitetura e História”, notamos que a miscigenação era indubitavelmente o aspecto de diferenciação no clube. Apenas doze por cento não apresentavam o estado de origem do atleta, enquanto que, nas mais de oitenta e sete por cento das fichas, o panorama de diversidade se consolida.(segue gráfico de localidades e atletas)



Compõe ainda este quadro de fichas os seguintes valores: atletas do Rio de Janeiro- 553, Buenos Aires-4, Montevideo –5, Santa Fé- 2, Passa Vinte-1. A pesquisa, recuperação e digitalização de novas fichas ainda estão sendo feitas pelo Centro de Memória Vasco da Gama.

²⁷ "Sports - Football", Gazeta de Notícias, 09 de Abril de 1924

²⁸ "Sports - Football", Gazeta de Notícias, 18 de Abril de 1924

Foi mantendo a estrutura de um clube eminentemente popular que o Vasco da Gama consolidou sua imagem esportiva. Várias eram as manchetes jornalísticas que demonstravam o caráter subversivo do clube cruzmaltino, no sentido de sempre está priorizando o que chamaríamos hoje a “prata da casa”.

Em 1927, a partir do episódio da viagem do Vasco a Montevidéu, o Correio da Manhã através de um nota sobre o evento corrobora com a idéia de que o vasco foi efetivamente que mais contribuiu para as transformações do futebol carioca. A nota tinha o seguinte teor:

“O ‘caso’ do Vasco parece destinado a revolucionar de novo o nosso mundo sportivo, esse ‘caso’ da ida do vasco a Montevidéu”²⁹

Foi também no Vasco da Gama, agora já na década de ‘30, que se inaugurou o chamado “novo regime” do futebol brasileiro. No dia 9 de abril de 1933 realiza-se no estádio de São Januário o primeiro jogo interestadual entre atletas profissionais do Rio e de São Paulo. Partida que tem dois pontos centrais, o primeiro reatar as relações entre os clubes deste dois estados, e segundo, abandonar completamente a Confederação Brasileira de Desporto, dando início à consolidação do profissionalismo no futebol no Brasil. Foi no desenrolar da revolução profissionalista que nasceu a Liga de Futebol Carioca, em 23 de Janeiro de 1933.

Detendo-me entre aproximadamente os primeiros 30 anos de existência do Clube de Regatas Vasco da Gama. Notamos que a sua posição no cenário esportivo foi de relevante notoriedade e importância na reconfiguração de um novo futebol no Brasil. Muito mais que protestos, o clube efetivamente lutou contra valores e ideais que se pretendiam inabaláveis naquela sociedade, porém, como uma grande revolução, o futebol se transformou em verdadeira miscelânea de cores, raças e classes.

Conclusão

Como uma partida de futebol, o cenário esportivo carioca foi repleto de disputas, alegrias e tristezas. Foram muitos os embates ocorridos entre pobres, ricos, negros e brancos, dentro e fora dos campos de futebol, até que o futebol se tornasse um dos principais símbolos da miscigenação brasileira. As questões colocadas iam para além do caráter esportivo, e é neste sentido que a prática do esporte se transformava em um aspecto definidor de uma cultura local, bem como, de uma identidade nacional.

Nasceu a partir de todas estas transformações uma idéia fixa, e hoje consolidada, de que somos, os brasileiros, os grandes mestres do futebol, e com isso ratificava-se finalmente a idéia de que foi a partir, fundamentalmente, do aparecimento e destaque da figura do negro no esporte que nos tornamos a grande referência deste esporte no cenário mundial.

Casos como o do Bangu (primeiro clube a registrar um negro em seu time principal de futebol) e, sobretudo do Vasco da Gama (primeiro clube a efetivamente lutar pela posição do negro e trabalhadores no esporte) foram fundamentais na construção do moderno futebol brasileiro. Um esporte inglês, agora totalmente abasileirado pelo seu povo, se reinventou, repleto da ginga e da malandragem brasileira, nos campos, nas ruas e nas várzeas dos mais diversos cantos do Brasil.

Coincidência ou não, temos a figura de um negro brasileiro como sendo o maior representante do futebol mundial, o Rei Pelé, como é conhecido Edson Arantes do Nascimento. É a figura mais expressiva de todos os tempos no futebol mundial. E, o mais significativo é que, nem sua raça ou cor o impediram de alcançar tal posição.

Vários foram os negros de destaque na história do futebol brasileiro, de Carlos Alberto (pó-de-arroz), passando por Fausto, Domingos da Guia, Leônidas da Silva a Arthur Friedenreich, Og Moreira, Garrincha, Pelé todos geniais na arte da bola. Chegamos ao novo século com a nossa nova geração de craques. Constituídas, também, basicamente por negros e mestiços, o que não falta são craques. Romário, Ronaldo e o atual melhor do mundo Ronaldinho Gaúcho compõem o que há de melhor do futebol mundial, todos grandes representantes do futebol arte. E mais do que isso, para além do bom futebol, foi a partir do sucesso destes grandes atletas que as possibilidades, sonhos e desejos de uma futura geração de craques se tornou ainda mais popular.

Indubitavelmente, Sobrepondo-se ao preconceito, foi o valor esportivo destes atletas que serviu como base central na configuração do novo futebol. A presença e a valorização do negro no futebol, a partir deste período, não era mais um fenômeno isolado, mas questão de orgulho e, sobretudo parte significativa de nossa identidade nacional.

²⁹ Correio da Manhã, 28 de abril de 1927.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

- ELIAS, Nobert E Dunning, Eric. “DEPORTE Y OCIO EM LE PROCESO DE LA CIVILIZACIÓN”. México, Fondo de Cultura Econômica, 1995.
- GAY, Peter. “O Cultivo do Ódio”, ,São Paulo, Companhia da Letras, 1988.
- ASSAF, Roberto. *Bangu: bairro operário, estação do futebol e do samba*. Rio de Janeiro. Ed. Relume Dumará, 2001.
- AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer:futebol, geopolítica e identidade nacional*, Rio de Janeiro. MAUAD, 2002.
- CALDAS, Waldenir. *Pontapé Inicial: memória do futebol brasileiro 1894-1933*. São Paulo. IMBRASA, 1990
- CARVALHO, José Murilo. *Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo.Ed. Companhia das Letras. 1987. p.16
- CORREA, Floriano P. “GRANDEZAS E MISERIAS DO NOSSO FUTEBOL”, Rio de Janeiro, Flores & Mano, 1933, p.21.
- COSTA, Emilia Viotti. *Da Monarquia à República. Momentos decisivos*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP. 1999.
- EAGLETON, Terry. *Ideologia. Uma Introdução*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997
- FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. 4ª Ed. Rio de Janeiro. MAUAD, 2003.
- FRIDMAN, Luis Carlos. *Política e Cultura. Século XXI*. Rio de Janeiro. Relume Dumará Ed.. 2002.
- GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre. Ed. L&PM, 1995.
- MATOS, Hebe Maria. *Das Cores do silencio. Os significados da liberdade no sudeste escravista*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1998.
- MELO, Victor Andrade de. *Cidade esportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Ed. Relume Dumará. FAPERJ. 2001
- MERCIO, Roberto. *A historia dos campeonatos cariocas de futebol 1906-1994*. Rio de Janeiro. Ed. FERJ. 1995
- NEEDELL, Jeffrey. *Belle époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras.1993.
- PEREIRA, Leonardo Affonso. *Footballmania. Uma Historia social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- SUSSEKIND, Hélio. *Futebol em dois tempos*. Rio de Janeiro. Ed. Relume-Dumará. 1996
- VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1994.

PERIÓDICOS

Revistas

O Malho

Kosmos

A Cigarra Esportiva

Jornais

Gazeta de Notícias 1902-1928

Correio da Manhã –1901 - 1928

Jornal do Brasil – 1902-1928

Estatutos

ESTATUTOS da Liga Metropolitana de Sports Atlético. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1907.

ESTATUTOS da Liga Metropolitana de Sports Atlético. Rio de Janeiro: Gráfica do Jornal do Brasil, 1908.

ESTATUTOS da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos. Rio de Janeiro. 1924.